

Tecendo saberes matemáticos das rezadeiras por meio da Etnomodelagem

Weaving mathematical knowledge of healers through Ethnomodelling

Jailda da Silva dos Santos¹ • Zulma Elizabete de Freitas Madruga²

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo estabelecer relações entre o saber tradicional das rezadeiras e a Matemática acadêmica, por meio da Etnomodelagem e da construção de um gráfico que organiza e interpreta os diferentes tipos de rezas praticadas por algumas rezadeiras quilombolas. Para a produção de dados, realizou-se entrevistas narrativas com algumas rezadeiras de comunidades quilombolas do município de Bonito – BA, a realização das entrevistas ocorreu após a submissão e aprovação ao Comitê de Ética e Pesquisa. Para análise dos dados produzidos utilizou-se a Análise de Conteúdo, após organização, leitura e codificação dos dados, emergiu a categoria intitulada *Uma Ciência dos mais velhos*. Nesta categoria discute-se sobre como esse saber trata-se de uma herança cultural, bem como, a *FÉ* é o elemento mais importante para mediação das enfermidades. Por fim, apresenta-se como a linguagem Matemática pode ser inserida neste tipo de investigação cultural, ao apresentar um gráfico construído a partir das narrativas das rezadeiras, com vista, a representar e quantificar os tipos de rezas mais praticados por elas. Além deste, outros gráficos podem ser construídos e apresentados para destacar e valorizar os conhecimentos culturais de rezadeiras.

Palavras-chave: Etnomatemática. Saberes culturais. Quilombola. Estatística.

Abstract: This research aimed to establish relationships between the traditional knowledge of the prayer women and academic mathematics, through Ethnomodelling and the construction of a graph that organizes and interprets the different types of prayers practiced by some quilombola prayer women. To produce data, narrative interviews were conducted with some prayer women from quilombola communities in the municipality of Bonito - BA, the interviews were conducted after submission and approval to the Ethics and Research Committee. To analyze the data produced, Content Analysis was used, after organization, reading and coding of the data, the category entitled *A Science of the Elderly* emerged. This category discusses how this knowledge is a cultural heritage, as well as how FAITH is the most important element for mediating illnesses. Finally, it presents how the language of Mathematics can be inserted in this type of cultural investigation, by presenting a graph constructed from the narratives of the prayer women, with a view to representing and quantifying the types of prayers most practiced by them. In addition to this, other graphs can be constructed and presented to highlight and value the cultural knowledge of prayer healers.

Keywords: Ethnomathematics. Cultural Knowledge. Quilombola. Statistics.

1 Introdução

A Etnomodelagem pode ser compreendida como a utilização dos saberes/fazeres matemáticos desenvolvidos e praticados por diferentes grupos culturais em situações problemas do seu dia a dia (Etnomatemática), interligados aos saberes desenvolvidos e ensinados

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia • Governador Mangabeira, BA — Brasil • ✉ jaildasylyva@hotmail.com • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2061-0178>

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia • Amargosa, BA — Brasil • ✉ betemadruga@ufrb.edu.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1674-0479>



academicamente (Modelagem Matemática). Sejam eles na Educação Básica ou Ensino Superior (Madruga, 2022).

Os estudos em Etnomodelagem que apresentam uma perspectiva para a sala de aula, buscam valorizar os saberes locais em que os estudantes estão inseridos. Propiciando-os que estes sejam construtores do seu conhecimento ao tempo em que podem também visualizar a utilização da Matemática em contextos e situações não escolares.

Conforme Rosa e Orey (2020, p. 278), “uma das características mais importantes da Etnomodelagem é o engajamento em um diálogo glocal entre as abordagens global (ética) e local (êmica) por meio do qual diversas formas de conhecimento matemático se entrelaçam”. Portanto, destaca-se que, propostas de atividades e ações que valorizam os saberes locais, não tem por interesse desvincular os saberes eurocêntricos que já são consolidados e trabalhados nas aulas, mas sim, apresentar possibilidades de desenvolvê-los a partir de novos contextos.

Nos estudos realizados por Madruga (2023), Rosa (2022), e Santos e Madruga (2022) acerca das pesquisas desenvolvidas em Etnomodelagem, não fica explícito que há discussões dos conhecimentos matemáticos acadêmicos relacionados aos saberes matemáticos culturais desenvolvidos e utilizados por povos quilombolas no seu dia a dia. E, portanto, nesta pesquisa, busca-se abordar como esses saberes podem ser utilizados nas aulas de Matemática.

Os quilombos são regiões nas quais os povos escravizados recomeçavam as suas vidas, após fugirem das fazendas em que trabalhavam. Conforme Lima e Macêdo (2020), os Quilombos são símbolo de muita luta e resistência, uma vez que, nas fazendas em que trabalhavam, na maioria das vezes os escravizados eram proibidos de praticar seus saberes/fazer, em virtude das práticas culturais dos povos dominantes.

A luta e resistência dos escravizados permitiram a preservação de seus saberes/fazer, e ainda hoje é possível ver grupos culturais praticando-os, em particular nas comunidades remanescentes de Quilombos. Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo investigar como os saberes de algumas rezadeiras, residentes em comunidades quilombolas de Bonito – BA, podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de Matemática, à luz da Etnomodelagem.

2 Etnomodelagem como abordagem intercultural

A Etnomatemática definida por D’Ambrosio (2001) busca entender os diferentes saberes matemáticos produzidos por grupos culturais distintos. Partindo desse pressuposto, Rosa e Orey (2017) e Madruga (2022) definem a Etnomodelagem como a relação entre os

saberes produzidos pelos membros de distintas culturas com os saberes matemáticos acadêmicos, possibilitando que os estudantes compreendam e utilizem a Matemática dentro e fora da sala de aula.

Destaca-se que os grupos culturais investigados por meio dessa abordagem da Educação Matemática não são apenas grupos étnicos. Mas sim, qualquer grupo que instigue a curiosidade do pesquisador a conhecer como seus membros interpretam e utilizam seus saberes matemáticos no dia a dia. Assim, a investigação pode ser realizada, por exemplo, com pedreiros (Andrade; Couto; Madruga, 2018), rezadeiras (Santos, 2022), produtores agrícolas (Sonego, 2009), carnavalescos (Madruga, 2017), artesãos (Rosa Filho, 2022), entre outros.

A Etnomodelagem compreende a utilização em conjunto da Etnomatemática e da Modelagem Matemática. Para (Madruga, 2023), a Etnomodelagem é definida como uma “proposta metodológica que se utiliza dos conceitos de diversidade e cultura (etno) em consonância com a Modelagem Matemática (ticas) com o objetivo de potencializar a aprendizagem (matema) nos diferentes níveis de escolaridade”.

Logo, essa proposta [teórico] metodológica pode possibilitar que os professores desenvolvam em sala de aula perspectivas que englobem diferentes saberes matemáticos, e atendam também a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Indígena previstas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Já que, por meio da Etnomodelagem, busca-se também o resgate e reconstrução histórica dos povos que tiveram seus saberes invisibilizados ao longo da História.

Para D’Ambrosio (2008), o professor na maioria das vezes não conhece o ambiente onde a escola e os estudantes estão inseridos. Por isso, é importante que eles tenham conhecimento das práticas e saberes desenvolvidos na cultura local, para então desenvolver práticas de ensino que valorizem e relacionem os diferentes saberes em sala de aula.

Esta prática que visa relacionar os diferentes saberes, pode ser compreendida como a produção de um saber matemático intercultural. No qual, a matemática escolar, proveniente dos saberes da cultura europeia, relacionam-se com os saberes de distintas culturas. Tais saberes podem ser representados, por meio de etnomodelos.

Conforme Madruga (2024, p. 6) “os etnomodelos são construídos, que podem ser culturais, acadêmicos ou interculturais, e representam um fenômeno investigado, em contextos culturais distintos.” Para a autora, os etnomodelos culturais são aqueles provenientes das ideias matemáticas oriunda da cultura investigada, e estes só podem ser validados por membros da cultura local.



Já os etnomodelos acadêmicos são produzidos pelos pesquisadores, a partir da sua percepção e vivência acadêmica, tendo por base os resultados de uma investigação cultural. Neste processo, estabelece-se uma conexão entre os saberes culturais e acadêmicos, haja vista, que o pesquisador identifica e compreende as ideias matemáticas do grupo investigado e busca traduzi-los para que os estudantes compreendam a Matemática escolar a partir da vivência do seu cotidiano. Esta tradução origina etnomodelos interculturais, os quais buscam promover o respeito e a valorização dos diferentes saberes matemáticos existentes e praticados por grupos distintos.

3 Percurso Metodológico

Esta pesquisa foi realizada com rezadeiras de comunidades Quilombolas do município de Bonito – Bahia. A escolha por esta região deu-se pelo fato de Bonito estar entre os cinco municípios com mais comunidades Quilombolas do Brasil. Neste município é possível observar a presença de saberes culturais herdados pelos povos indígenas e africanos, a exemplo do ofício das rezas.

A prática das rezas busca a mediação da cura de alguma enfermidade acometida às pessoas. Em Bonito, esse ofício em sua maioria é praticado por rezadeiras que obtiveram esse ensinamento com alguns de seus familiares, por esse motivo, as participantes dessa pesquisa serão mulheres, que mesmo com os seus diferentes afazeres diários, encontram tempo para ajudar o próximo (Santos, 2022).

Para compreender os saberes inerentes a esta cultura, realizou-se entrevistas narrativas, gravadas em áudios, com algumas rezadeiras mais indicadas pelos moradores pertencentes as comunidades Quilombolas de Bonito - Bahia³ que foram visitadas. Conforme (Santos; Madruga, 2021, p. 200) “A entrevista por narrativa é utilizada para compreender o entrevistado em seu contexto. O uso de narrativas na pesquisa qualitativa fundamenta-se na convicção de que contar histórias é dar sentido a percursos e experiências”.

Em posse das gravações, realizou-se a transcrição para posterior análise dos dados. Destaca-se que os resultados aqui apresentados buscam relacionar os saberes matemáticos locais com os saberes matemáticos acadêmicos, sem que haja sobreposição de saberes, como propõe os estudos em Etnomatemática (D’Ambrosio, 2001) e Etnomodelagem (Rosa; Orey, 2020).

³ Essa pesquisa é recorte de uma dissertação em andamento, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), CAAE 75324123.7.0000.5526.

A análise de dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016). Após organização e preparação dos dados produzidos, realizou-se a leitura completa deste material, a fim de obter uma compreensão das narrativas. Em seguida, estes dados foram separados e agrupados em códigos, que auxiliaram na elaboração da categoria de análise, intitulada *Uma Ciência dos mais velhos*, que será discutida na próxima seção.

Nesta categoria, são apresentados os dados produzidos com quatro rezadeiras entrevistadas. Destaca-se que todas elas são negras com idade de 48 a 81 anos, e apenas a de 48 anos cursou até o 3º ano do Ensino Médio, as demais, não tiveram oportunidade de frequentar a escola.

Visando preservar a identidade das rezadeiras, durante a discussão dos dados, seus respectivos nomes foram substituídos por ervas medicinais comumente indicadas para fazer chás, tais são, Macela Galega, Maria Milagrosa, Arruda e Alumã.

4 Resultados e discussões

Nesta seção serão discutidos os resultados obtidos com base nas narrativas das rezadeiras. O título deu-se em virtude da fala de uma rezadeira ao ser questionada sobre o porquê de utilizar-se três ramos para o benzimento. Na oportunidade ela diz, que não sabe o porquê, mas que essa ação é uma ciência dos mais velhos.

Ou seja, um saber passado de geração em geração, que se mantém vivo nas comunidades investigadas e que tem contribuições para o desenvolvimento e vivência em sociedade.

Uma Ciência dos mais velhos

As rezas realizadas em forma de benzeção visam a cura de alguma enfermidade a qual uma pessoa foi acometida. É um saber construído por meio de diálogos, observações e o interesse de aprender com os mais velhos. Para cada tipo de rezas, há processos de mediação da cura diferente. Em alguns casos, as rezadeiras fazem a benzeção, em outros há a necessidade também da indicação de chás ou garrafadas.

Além disso, o instrumento utilizado para benzer também varia de acordo com a enfermidade. Entretanto o elemento principal para que toda cura seja mediada, é a *FÉ* do consulente e da rezadeira, sem a *FÉ* não há mediação da cura. Pois, como afirmam Lima e Lima (2022, p. 298) “A fé, nesse contexto, se torna o âmago da prática das Rezadeiras/Rezadores, impulsionando o desejo de cura e de alívio para os inúmeros sofrimentos. Acreditar, eis a ação que detêm todo o existir desta tradição [...]”. Isto fica evidente na fala das rezadeiras entrevistadas.

- Macela Galelga: Às vezes já falo com as pessoas pra vim *com sua fé*, quem cura, quem liberta é Deus, porque já teve pessoas aqui, de crianças ser desenganada pelo médico, aí chegou aqui, e rezei 9 vezes para tirar o olhar dela (Grifos nossos).

- Maria Milagrosa: *É, é preciso ter fé, uma vez perguntei aqui se um homem tem fé*, ele falou tenho, tenho, aí ele ficou bom e nunca mais voltou aqui (Grifos nossos).

Estes fragmentos destacam que não basta que apenas a rezadeira tenha *FÉ*, é preciso também que a pessoa que procura a cura por meio da benzeção, tenha a crença de que com as palavras proferidas e os gestos realizados durante a reza e por vezes pelas indicações de chás, a cura será mediada pelo dom concedido por Deus às rezadeiras.

Entre os diálogos realizados com algumas rezadeiras, quando questionadas sobre como aprendeu a rezar, foi comum ouvir que todas as rezas que elas sabem foram aprendidas com algum familiar ou amigo da família, além de que não tiveram a oportunidade de acessar a escola ou concluir os estudos, e este saber que elas possuem trata-se de uma herança cultural que guardam consigo na memória.

- Maria Milagrosa: *O meu pai me criou rezando... Xingando não, mai rezando, meu pai me criou rezando*, levava nós pá lá pra rezar, (Começa a cantar e em seguida rir). [...] *E eu não estudei nada não, eu só tem pura a cabeça* (Grifos nossos).

- Alumã: Desde novinha, que eu aprendi, *que minha mãe ensinava a gente* (Grifos nossos).

- Pesquisadoras: A senhora estudou até que série?

- Alumã: *Até a segunda série*, naquele tempo que era atrasado eu lia aquelas livrim. Era difícil, as veiz eu leio e escrevo um pouquinho assim. (Grifos nossos).

Conforme D'Ambrosio (2001, p. 41), “[...] cada indivíduo carrega consigo raízes culturais, que vêm de sua casa, desde que nasce. Aprende dos pais, dos amigos, da vizinhança, da comunidade”. Corroborando com as ideias do autor, os excertos nos permitem compreender que a prática das rezas não é constituída em escolas, por meio de aulas, e sim, por meio do diálogo e vivência com os antepassados, tornando-se uma herança que passa de geração em geração.

A veracidade do ofício das rezas é dada a partir dos retornos positivos que os consulentes relatam após serem benzidos e ficarem curados. O relato das rezadeiras entrevistadas são de

que elas continuaram praticando o ofício das rezas, pois, quando procuradas pela primeira vez para benzer alguém que estava acometida por determinada enfermidade, as pessoas retornavam para agradecer pela mediação da cura que foi realizada. A partir daí, elas entendiam que poderia intermediar a cura e livrar as pessoas de enfermidades, e sempre que procuradas, buscavam ajudar o próximo.

Apesar de não se constituir na escola, o ofício das rezas pode contribuir para aprimorar conceitos e conteúdos apresentados nas aulas de diferentes disciplinas. Uma vez que, os estudos dessa prática envolvem saberes antropológicos e históricos que podem ser utilizados para compreender o entorno que a escola ou os estudantes estão inseridos. Bem como, pode-se trabalhar com os conceitos da Biologia presentes nas ervas utilizadas nas indicações de chás e garrafadas; e a Matemática, por meio dos estudos das diferentes (Etno)Matemáticas, como se propõe nessa pesquisa.

No que tange a Matemática, destaca-se que não há o interesse em sobrepor saberes, e sim, relacionar os saberes matemáticos culturais com propostas e situações que são desenvolvidas em sala de aula (D'Ambrosio, 2008). Além de promover a valorização de diferentes saberes e culturas.

Uma das possibilidades de interligar esses saberes, é por meio da construção de gráficos com os dados produzidos com as narrativas. Estes podem representar um etnomodelo elaborado pelos estudantes e pesquisadores ao realizar investigações com as rezadeiras e considerar os diferentes tipos de rezas que elas praticam no dia a dia. Como ocorre nesta pesquisa.

Ao serem questionadas sobre o tipo de rezas que elas praticam, obteve-se as seguintes respostas.

Maria Milagrosa: “Se tiver com dor de cabeça, se tiver com dor de coluna” (...) “Pra tirar óiado⁴, pra tirar usura” (...) “Eu já levantei espinhela caída⁵” (...) “dor de barriga, já rezei muitas crianças aqui de dor de barriga” (...) “rezo de vento caído⁶” (...) “já rezei também de zipa”.

Macela Galega: “eu rezo só de olhado e dor de cabeça”.

⁴ Feitiço, quebranto, doença oriunda do olhar de algumas pessoas e que consiste na perda da saúde ou que leva à morte de alguém ou algum animal; o mesmo que mau-olhado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/olhado/>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

⁵ Espinhela caída é o nome popular para a anomalia do processo xifoide, que é uma cartilagem localizada na parte inferior do osso esterno, no centro do peito, causando sintomas como dor ou caroço no meio do peito, na “boca do estômago”. Essa condição, também conhecida como peito aberto ou arca caída, pode surgir por traumas no tórax, geralmente, devido ao levantamento de pesos ou esforço repetitivo no tronco, fazendo com que o processo xifoide relaxe ou curve, parecendo estar “caído”, resultando na sua inflamação. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/espinhela-caida/> Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

⁶ Moleza, tristeza, palidez em crianças de colo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/vento%20ca%C3%ADdo/quebranto/>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

Arruda: “de oiado, de cabeça, de dor de barriga” (...) “e espinhela caída também rezo” “Vento caído eu também rezo”.

Alumã: “Olhado. Desde novinha que eu aprendi, que minha mãe ensinava a gente.”

Com base nos excertos e com o auxílio do *Excel* representou-se graficamente quantos tipos de rezas cada rezadeira tem o hábito de praticar. Bem como, a construção do gráfico possibilita mapear e apresentar quais os tipos que são praticadas nas comunidades investigadas, como pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Número de rezas praticadas pelas rezadeiras



Fonte: As autoras (2025).

A partir do Gráfico 1, percebe-se que das quatro rezadeiras, duas delas sabem cinco tipos de rezas distintas, enquanto Arruda sabe apenas uma reza e Macela Galega duas. Isso, permite concluir que um tipo de reza é prática comum a todas as rezadeiras. Contudo, não se evidencia que reza é esta, e para facilitar a sua identificação, foi construído um quadro com base nos excertos supracitados, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Tipos de rezas praticadas pelas rezadeiras.

Rezadeiras	Rezas				
	Olhado	Dor de Cabeça	Vento Caído	Dor de Barriga	Espinhela Caída
Maria milagrosa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Alumã	Sim	Não	Não	Não	Não
Macela galega	Sim	Sim	Não	Não	Não
Arruda	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: As autoras (2025).

O Quadro 1, permite identificar que o olhado é o tipo de reza mais praticado entre as rezadeiras. Isso pode decorrer do fato de que essa enfermidade está relacionada ao sentimento de inveja e energias negativas que uma pessoa deseja para outra. Logo, os antepassados na busca de manter seus familiares protegidos do mal, possivelmente praticavam e perpassavam os ensinamentos desta reza com mais frequência que as demais, bem como, o interesse por parte daqueles que aprendiam com eles, tinham foco maior na reza de olhado.

Destaca-se que além de estabelecer relações entre a Matemática acadêmica e os saberes inerentes a cultura das rezadeiras, por meio da construção e interpretação de gráficos, a Etnomodelagem também promove a valorização e resgate de saberes culturais que por vezes vem sendo esquecido perante a sociedade. E como afirma Pinheiro (2023) “A educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos” (Pinheiro, 2023, p. 15).

Logo, a construção de gráficos relacionados aos saberes de grupos culturais pode contribuir para a preservação e valorização destes saberes. Além de apresentá-los à comunidade civil e escolar, ressaltando a importância de suas práticas para aqueles que ainda não as conhecem. Promovendo então, a socialização dos saberes locais com as novas gerações dentro e fora do âmbito escolar.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo estabelecer relações entre o saber tradicional das rezadeiras e a Matemática acadêmica, por meio da Etnomodelagem e da construção de um gráfico que organiza e interpreta os diferentes tipos de rezas praticadas por algumas rezadeiras. Os quilombos foram símbolo de luta e resistência no período da escravidão. E os saberes herdados pelos descendentes dos povos de quilombos são preservados até os dias atuais, em particular nas comunidades quilombolas.

Por tanto, julga-se importante que esses saberes sejam socializados em diferentes espaços, em particular na área da Educação, como se propõe essa pesquisa. As narrativas das rezadeiras que colaboraram com este estudo, permitiram perceber que alguns conteúdos



matemáticos podem ser trabalhados por meio da contextualização com o ofício das rezas, a exemplo da construção e interpretação de gráficos estatísticos.

A produção destes gráficos, além de contribuir para o ensino de Matemática, pode contribuir também para que os estudantes entendam que os saberes que carregam consigo, herdados pelos seus ancestrais, são saberes que podem auxiliar na compreensão de ideias matemáticas desenvolvidas e apresentadas em sala de aula. Desmistificando, a ideia de que a Matemática é pronta e acaba, construído de uma única cultura, a europeia.

Além do gráfico apresentado nesta pesquisa, outros gráficos podem ser construindo, destacando e apresentando os tipos de chás mais indicados pelas rezadeiras; instrumentos utilizados para as benzeções; quantidade de mulheres que ainda praticam este ofício na região investigada, entre outras características inerente a esta cultura. A produção destes gráficos além de contribuir para o ensino e aprendizagem de Matemática, contribui também para o reconhecimento e valorização de saberes locais.

Valendo-se da Etnomodelagem, os pesquisadores, propõe que os estudantes sejam também pesquisadores e construtores do seu próprio conhecimento. Bem como, auxilia na promoção da valorização dos saberes praticados por membros da sua comunidade ou grupo. Membros estes, que por vezes, não tiveram acesso a uma escolarização formal, mas carregam consigo, conhecimentos importantes para a vivência em sociedade.

Agradecimento

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo financiamento do Projeto de Pesquisa aprovado na Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 – Universal, intitulado “*Valorização de culturas locais por meio da Etnomodelagem e suas relações com o ensino de Matemática*”, do qual esta pesquisa faz parte.

Referências

ANDRADE, Ueslei Hiure da Silva; COUTO, Maria Elizabete Souza; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Etnomatemática na construção civil: conceitos matemáticos presentes nas ações do pedreiro. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, 2018.

BARDIN, Laurecen. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

D’AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. O Programa Etnomatemática: uma síntese. *Acta Scientiae*, v. 10, n. 1, janeiro/junho, 2008.

LIMA, Gabriel Emanuel Leite; LIMA, Maria Isadora Leite. Rezadeiras: um estudo sobre os saberes e práticas culturais na zona rural do município de Mauriti, Ceará. *Revista Campo da História*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 288–299, 2022. DOI: 10.55906/rcdhv7n1-022.

LIMA, Hayla Fernanda Moura; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. A comunidade Quilombola de Queimadas: a luta pelo reconhecimento e valorização da memória/história. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista–Bahia –Brasil, v. 16, n. 39, p. 520-542, abr./jun. 2020.

MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. A perspectiva ‘etnomodelagem’ presente nos fazeres de um coreógrafo. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 22, n. 2, 2017.

MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Pesquisas em Etnomodelagem no Brasil: um olhar sobre as concepções de Modelagem Matemática. **ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação**, v. 4, n. 2, p. 17-32, 2022.

MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Diferentes concepções de Modelagem Matemática que fundamentam as investigações em Etnomodelagem no Brasil. **Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, v. 18, n. 3, p. 405-421, 2023.

ROSA, Milton. Fundamentações Teóricas e Metodológicas da Etnomodelagem: Investigações Brasileiras e Internacionais. *Com a Palavra o Professor*, v.7, n.19, setembro-dezembro/ 2022.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomodelagem: a arte de traduzir práticas matemáticas locais. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2017

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Etnomodelagem como um movimento de globalização nos contextos da Etnomatemática e da Modelagem. *Com a Palavra o Professor*, v. 5, n. 11, p. 258–283, 2020.

ROSA FILHO, Osvaldo. Etnomodelagem: investigando a arte da tapeçaria na comunidade local de Cachoeira do Brumado. 2022. 239f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

SANTOS, Jailda da Silva dos. **Etnomodelagem e a cultura das rezadeiras**: o uso dos chás como alternativa para o ensino de matemática. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Matemática) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, BA. Trabalho não publicado, 2022.

SANTOS, Jailda da Silva dos; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. A Importância das Narrativas para as Pesquisas em Etnomodelagem. **INTERMATHS**, v. 2, n. 2, p. 195-211, 2021.

SANTOS, Vladimir Félix; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. Recorte de pesquisas brasileiras sobre Etnomodelagem. **TANGRAM - Revista de Educação Matemática**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 111-132, 2022a



SONEGO, Giseli Verginia. As contribuições da etnomodelagem matemática no estudo da geometria espacial. 143f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Franciscana, Santa Maria, 2009.